

**O QUE PODE O CORPO NAS UTOPIAS E DISTOPIAS:
FIGURAÇÕES DO PÓS-HUMANO NA FICÇÃO CIENTÍFICA¹**

*What the Body Can Do in Utopias and Dystopias? Figurations of the
Posthuman in Science Fiction*

Gabriela Barbosa de SOUTO

Pesquisadora independente

gabrielabsouto@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3147-0772>

RESUMO: Em um momento em que as narrativas distópicas parecem extrapolar suas fronteiras ficcionais, as utopias se fazem cada vez mais necessárias. Mas o que utopias e distopias têm a nos dizer sobre os corpos que (re)produzem, especialmente a partir do viés da relação entre o corpo e a tecnologia, tão intrínseca à atual existência humana? Seriam estas narrativas premonitórias da manipulação genética, da interferência farmacológica e dos procedimentos estéticos, ou apenas um meio de expor as transformações pelas quais a humanidade vem passando ao longo dos últimos anos? Até onde o ser humano continua a *ser* humano e até onde a sua natureza pode ser alterada a partir das suas mutações? As fronteiras entre o humano e o pós-humano, entrecruzadas pela figura do ciborgue, são constantemente exploradas nas narrativas de ficção, principalmente nas obras de ficção científica. Partindo desta e de outras figurações do pós-humano, a exemplo das inteligências artificiais, dos androides e de humanos conectados ao ciberespaço, este ensaio tem como objetivo levantar questões a partir dos corpos possíveis nas/das utopias e distopias, dialogando com uma série de referências intermidiáticas, dando destaque aos corpos pós-humanos das narrativas de ficção científica e às questões ontológicas vinculadas a eles.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; Pós-humano; Utopia; Distopia.

ABSTRACT: At a time when dystopian narratives seem to extrapolate their fictional borders, utopias are increasingly necessary. But what do utopias and dystopias have to tell us about bodies that (re)produce, especially through the point of view of the relationship between body and technology, so intrinsic to current human existence? Are these premonitory narratives of genetic manipulation, pharmacological interference and aesthetic procedures, or just a means of exposing the trans-

¹ Este ensaio é uma adaptação do capítulo de minha tese *INFODEMIA, HERANÇAS INTERTEXTUALIZADAS E SIMBIOSES: as “Inteligências Construídas” através da biobibliografia de Fábio Fernandes no romance Os Dias da Peste*, para comunicação no evento *Movências Interdisciplinares da Utopia – MINUTO II*, ocorrido em 2021.

formations that humanity has been going through the last few years? To what extent does the human being continue to be human and to what extent can its nature be altered from its mutations? The boundaries between human and posthuman, interlaced by the figure of the cyborg, are constantly explored in fictional narratives, especially in science fiction works. Stemming from this and other figurations of the posthuman, such as artificial intelligences, androids and humans connected to cyberspace, this essay aims to raise questions from the possible bodies in/of utopias and dystopias, dialoguing with a series of intermedia references, highlighting posthuman bodies of science fiction narratives and ontological issues linked to them.

KEYWORDS: Body; Posthuman; Utopia; Dystopia.

O que esperar de narrativas utópicas? E de narrativas distópicas? Como nos lembra Marilena Chauí (2008, p. 7),

[...] a utopia, ao afirmar a perfeição do outro, propõe uma ruptura com a totalidade da sociedade existente [...]. Em certos casos, a sociedade imaginada pode ser vista como negação completa da realidade existente – como é o caso mais frequente das utopias –, mas em outros, como visão de uma sociedade futura a partir da supressão dos elementos negativos da sociedade existente (opressão, exploração, dominação, desigualdade, injustiça) e do desenvolvimento de seus elementos positivos (conhecimentos científico e técnicos, artes) numa direção inteiramente nova [...].

O senso comum nos leva a pensar que a utopia é a perfeição, e esta não permite falhas. Imaginar uma sociedade utópica, um Estado Ideal, pode estar vinculado a uma ideia transcendental e de cunho religioso, no qual existe um lugar ideal (que pode ser lido como Céu ou Paraíso) destinado para aqueles que são bem-aventurados. No entanto, como bem aponta Chauí (2008), há casos em que tal sociedade nega por completo a realidade existente e, ao fazê-lo, impossibilita a concretização de uma utopia possível, na qual seus defeitos são minimizados e seus elementos positivos são estimulados.

Fredric Jameson (2021) em *Arqueologias do Futuro* defende a necessidade de fazer uma distinção entre a forma utópica (o texto ou o gênero escrito) e o impulso utópico. Nesse sentido, cabe trazer brevemente a discussão do professor Lyman Tower Sargent (2010) em *Utopianism – A Very Short Introduction*, em que ele relaciona o utopismo e a teoria política, levantando os pontos aparentemente falhos da utopia e sobre os quais os críticos se deleitaram para demonstrar a impossibilidade desta se concretizar, principalmente ao considerar que são poucas as utopias reais que se pretendem perfeitas. As inúmeras descrições vagas do termo deram margem àqueles que Sargent (2010) chama de “opponentes da utopia” e que a avaliaram como algo que solucionaria todos os problemas da sociedade humana – o que deixaria brechas perigosas ao mostrar seus fins e não os meios para alcançá-la.

Vista ainda como um “sonho futuro” (Ernest Bloch) e a “raiz da capacidade humana de atingir a dignidade (Frederick L. Polack), para Sargent (2010) é a partir de Fredric Jameson e Zygmund Bauman que melhor se apresenta a ambivalência da utopia. Um ponto positivo para Jameson é que a utopia se apresenta como uma ideia aberta a possibilidades futuras, ao mesmo tempo em que seu ponto negativo reside na exposição de nossos limites e fraquezas enquanto sociedade humana. Para o autor de *Arqueologia do Futuro* (JAMESON, 2021), a maioria das tentativas de pensar uma utopia mostra sua

impossibilidade porque estamos presos à ideologia e à cultura – o que se mostra um fator impeditivo para primeiro, enxergar a realidade e, segundo, imaginar algo distinto a partir dessa possibilidade. Bauman, por sua vez, se deslocou de defensor à crítico das utopias, mas ainda defende que o utopismo é algo essencial para a existência da humanidade.

E qual relação pode-se estabelecer entre a utopia e a ficção científica? De acordo com a definição de utopia da Enciclopédia de Ficção Científica², pode-se considerar que as utopias são narrativas de ficção científica na medida em que são exercícios de uma sociologia e de uma ciência política hipotéticas. A já citada ambivalência da utopia aparece também nas narrativas do gênero, especialmente em meados do século XX, como no caso do romance *Os Despossuídos*, de Úrsula K. Le Guin (2019), cuja edição original tem como subtítulo “Uma utopia ambígua”, dando indícios ao leitor do que ele deve esperar ao ler as passagens de Shevek pelos planetas Urras e Anarres.

Neste mesmo século, as distopias ganharam fôlego. Mas se por algum tempo foram consideradas como sinônimo de uma antiutopia, que critica abertamente os ideais e as representações utópicas, as distopias apresentam um mundo em que a utopia deu errado. Assim, as obras distópicas podem “manter um ‘horizonte de esperança’, reter uma disposição antiutópica que impede possibilidades de transformação ou negociar posições mais estrategicamente ambíguas, localizadas em algum ponto entre os dois extremos” (FURLANETTO, 2015, p. 28).

Início com essas problemáticas e trago essas breves conceitualizações para nortear um diálogo com aquilo que venho pesquisando desde o meu ingresso na pós-graduação, que é o pós-humano nas narrativas de ficção científica. O objetivo é expor alguns pontos relevantes para pensar sobre a corporalidade nas/das utopias e distopias, refletindo sobre o lugar do pós-humano nestas narrativas. Definir o que é pós-humano não é uma tarefa fácil, pois como disse Rosi Braidotti (2013) em *The Posthuman*, discursos e representações do não humano, do inumano, do anti-humano e do pós-humano têm proliferado e se propagado nas sociedades globalizadas, muitas vezes sem esclarecer muito bem seus próprios conceitos.

De acordo com Cary Wolfe (2010) em *What is a posthumanism?*, sua perspectiva de pós-humano nos levaria a (re)pensar o que ele chama de modos de experiência humana, enfatizando suas habilidades de comunicação, de interação e de significações afetivas e sociais, sem deixar de considerar a animalidade própria da condição de *ser* humano e de *estar* no mundo, ou seja, da sua materialidade. Assim, Wolfe (2010)

2 Disponível em: <https://sf-encyclopedia.com/entry/utopias>. Acesso em 20 set. 2022.

crítica a visão que pensa o pós-humano como um estágio posterior e transcendental de humanidade, que se aproximaria muito mais de uma visão transumanista que se preocupa com ultrapassar os limites do orgânico.

Partindo do pressuposto filosófico de que o homem é a medida de todas as coisas, Braidotti (2013) acredita que é na noção restrita do humanismo que está a chave para compreender como chegamos em uma virada pós-humana. Para a autora, a perspectiva pós-humana pressupõe um declínio histórico daquilo que se entende por humanismo ao mesmo tempo em que recorre à exploração de alternativas mais afirmativas sem que isso se perca no que ela chama de “retórica da crise do Homem”. Ao citar as três grandes vertentes do pensamento pós-humanista (a da filosofia moral/ forma reativa; a da ciência e tecnologia/ forma analítica; a das filosofias da subjetividade/ forma crítica), Braidotti (2013) se posiciona junto à última, defendendo uma subjetividade pós-humana materialista e vitalista, que se corporifica e é incorporado na construção de uma comunidade.

Nesse sentido, ao me propor trabalhar com as figurações do pós-humano a partir de personagens de narrativas de ficção científica, parto de questões mais básicas, a exemplo de pensar o que a tecnologia tem a nos oferecer em termos de melhorias na vida humana, até às mais complexas, que é onde entram as questões morais implicadas na extrapolação das interferências técnicas e científicas nos corpos, sejam eles orgânicos, híbridos ou totalmente maquínicos.

Retomando o que vinha sendo dito, nos últimos anos houve um aumento no consumo de narrativas distópicas, seja pelo *boom* das distopias voltadas para o público jovem adulto – muitas delas séries de livros que foram adaptadas para o cinema (*Jogos Vorazes*, *Divergente*, *Maze Runner*, entre outras), seja pela publicação massiva de distopias clássicas que entraram em domínio público, a exemplo das obras mais conhecidas de George Orwell. A distopia nunca esteve tão em alta. E a utopia nunca se fez tão necessária.

E o que são e como são representados os corpos nestas narrativas? Uma ideia de corpo utópico possível é apresentada por Ildney Cavalcanti (2011) em *O amor em tempos distópicos: corpos utópicos em The Stone Gods, de Jeanette Winterson*. A partir da relação das personagens humana e robô, o romance foca em

uma faceta visionária e utópica da ficção contemporânea de autoria feminina ao redesenhar corpos que conseguem abalar os parâmetros patriarcais dualistas e hierárquicos: trata-se de corpos híbridos, pós-humanos, pós-gênero, enfim, corpos utópicos que permitem às leitoras vislumbrar possibilidades além dos tantos binarismos que aprisionam os corpos femininos, desnaturalizando, assim, imagens e práticas sociais repetitivas e cristalizadoras. (CAVALCANTI, 2011, p. 19-20).

Outros corpos utópicos são pensados na ficção científica: corpos saudáveis; corpos geneticamente modificados para serem “perfeitos”, sem deficiência (*Gattaca*, 1997); super-humanos (*X-Men*, 2000-atual); replicantes (*Blade Runner*, 1982); corpos que conquistaram a imortalidade através do download da mente (*Altered Carbon*, 2018-2020); entre outras possibilidades que superam a condição humana limitada atual. Tais mutações, presentes dentro e fora do campo ficcional, permitem questionar se a alma humana existe, de fato, como instiga Tomáz Tadeu (2016) em *Antropologia Ciborgue*, obra na qual está inserida sua tradução do clássico *Manifesto Ciborgue*, de autoria da bióloga Donna Haraway.

Desde a publicação do *Manifesto Ciborgue*, na década de 1980, o ciborgue emerge como uma figura fundamental para entender de que maneira a tecnologia acaba por interferir em todas as esferas da vida. E é a partir desta criatura ficcional que Haraway analisa diversas dicotomias (corpo *versus* mente, organismo *versus* máquina, natureza *versus* cultura, entre outras) que reforçam os lugares das políticas identitárias, ao mesmo tempo em que propõe a ruptura destas fronteiras excludentes. Criatura híbrida entre animal e máquina, a figura do ciborgue nos faz questionar a natureza humana e a natureza da máquina, alternando as fronteiras da própria subjetividade do que é *ser* humano. Ainda de acordo com a autora, A relação entre organismo e máquina é vista por Haraway (2016) como uma guerra de fronteiras que ameaça os lugares de (re)produção e de imaginação.

O corpo ciborgue, representativo do entrecruzamento de fronteiras, surge como elemento de análise para se pensar o pós-humano dentro e fora da ficção, pois, sem uma narrativa de origem, ele “aparece como mito precisamente onde a fronteira entre o humano e o animal é transgredida” (HARAWAY, 2016, p. 41). Ao transgredir e, de certa maneira, transcender estas fronteiras, é que o ciborgue se mostra como uma figura central para se pensar o humano e o inumano (e aqui me refiro às máquinas, em especial) e a relação de todos com a tecnologia.

O papel transformador da tecnologia sobre o corpo humano e sua relação imediata com o conceito de pós-humano também foi debatido por Lúcia Santaella (2007a, 2007b, 2016). Desde meados do século passado, as sociedades complexas têm mudado a forma como vêm acumulando informações, o que implica na transformação das suas relações, sobretudo pela inserção cada vez mais presente de dispositivos tecnológicos em seu cotidiano e, também, em seus corpos. Não se pode mais afirmar que o corpo é composto unicamente de partes orgânicas, sendo constituído também por informações, imagens e tecnologias, assim “a condição pós-humana diz respeito à natureza da virtualidade, genética, vida inorgânica, ciborgues, inteligência distribuída, incorporando biologia, engenharia e sistemas de informação” (SANTAELLA, 2007a, p. 129).

Este corpo, onipresente e sem fronteiras, tem se tornado uma propriedade mutável, heterogênea e constantemente renovável e interpretável. Para Santaella (2007b), alguns fatores para esta ubiquidade das questões do corpo nos debates contemporâneos podem ser: o deslocamento da identidade de um eu com a sua imagem corporal; a espetacularização do corpo nas mídias; os avanços biotecnológicos; a exploração da maquinaria de diagnóstico médico; e os processos de corporificação, descorporificação e recorporificação proporcionados pela virtualidade tecnológica. Detendo-se nestes processos, a autora elenca algumas modalidades para esta nova antropomorfia do corpo híbrido, biocibernético: a) o corpo conectado nas redes (*Caprica*, 2009); b) o corpo dos avatares (*Matrix*, 1999); c) o corpo da imersão híbrida (*The Entire History of You (Black Mirror)*, 2011); d) o corpo na telepresença (*Avatar*, 2009); e) o corpo na realidade virtual (*Playtest (Black Mirror)*, 2016); f) o corpo de vida artificial (*O Homem Bicentenário*, 1999). Tais modalidades podem ser encontradas na ficção científica, gênero que registra o deslocamento do humano como centro do universo para um humano que questiona seu lugar no mundo e sua dominação sobre as demais formas de vida, tempo e espaço (SIQUEIRA, 2002).

A ficção científica, que emerge na literatura e se expande a outras artes, pode ser encarada como um território “do inumano, o humano alterado, protético, borgue [sic], robô, andróide [sic], extra-terrestre [sic], etc., como destinação futura da mutação do humano” (PENNA, 2008, p. 186). Ao explorar o imaginário tecnocientífico em suas narrativas, o gênero muitas vezes se encontra cercado por uma aura profética, embora seus temas tratem muito mais das questões do momento em que é concebido. Dentro e fora do contexto cinematográfico, esta aura costuma abranger, entre outras coisas, intervenções tecnológicas nos corpos humanos e a criação de seres vivos artificiais semelhantes aos seus criadores, em aparência e/ou inteligência, como nos casos de *Metrópolis* (1927), *O Exterminador do Futuro* (1984), *Matrix* (1999), *Ela* (2013), entre inúmeras outras narrativas que exploram o conflito entre a humanidade e a máquina.

Em *Metrópolis* (1927), elite e operariado são separados pelos espaços que ocupam. Uma robô humanoide é transformada no simulacro da protagonista Maria, professora que posteriormente se torna líder dos operários, tomando seu lugar para difamá-la entre os trabalhadores, incitando-os a uma rebelião. Já em *O Exterminador do Futuro* (1984), a inteligência artificial conhecida como Skynet torna-se consciente logo após ativada, passando a encarar a humanidade como uma ameaça à sua existência e provocando uma guerra nuclear. Os poucos seres humanos sobreviventes que fazem parte da resistência são liderados por John Connor. Para evitar que seu oponente saia vitorioso, Skynet envia um ciborgue ao passado para assassinar a mãe de Connor antes mesmo que ele seja concebido.

De modo semelhante, em *Matrix* (1999), inteligências artificiais conscientes de si entraram em guerra com os humanos quando estes tentaram destruí-las. Derrotada, a humanidade passa a ser cultivada como baterias em casulos que absorvem sua energia para alimentar as máquinas, que mantêm os seres humanos presos a uma existência simulada. Por outro lado, em *Ela* (2003), Samantha, um sistema operacional, envolve-se amorosamente com Theodore, um humano. Esta relação é marcada por vários estágios, desde a euforia inicial da paixão à frustração pelo desejo de um corpo físico que possa coexistir com Theodore, até a conscientização de que viver entre os humanos é uma limitação para o seu processo de evolução. Samantha não morre, como acontece com as demais formas de vida artificial citadas anteriormente, mas parte com seus semelhantes para a existência em um plano que é inacessível aos humanos.

Estas relações, em sua maioria hostis, culminam na condenação ou na aniquilação dos corpos tecnológicos, fazendo com que prevaleça uma moral coletiva intolerante à existência de um outro que é híbrido (SIQUEIRA, 2002). O cinema de ficção científica faz figurar o ser humano através das narrativas que nos apresenta (DUFOUR, 2011). Muitos filmes que abordam a relação homem-máquina colocam em questionamento o estatuto de superioridade da espécie humana. Quando a máquina deixa de seguir sua programação original e ganha autonomia, ela mostra que não pode ser reduzida a um estatuto de objeto, como nos casos do computador HAL-9000 em *2001: uma odisseia no espaço* (1968), uma inteligência artificial sensível que, ao ver a si e a missão em risco, revela-se paranoica e perigosa, e do policial ciborgue Murphy, em *Robocop: um policial do futuro* (1987), que foi ressuscitado pela OCP para inaugurar a linha ciborgue de luta contra o crime e que só tem sua personalidade recuperada quando consegue burlar as diretrizes que o limitavam.

Ganhar autonomia ou tornar-se senciente não implica, necessariamente, na rebelião das máquinas, embora este seja um mote recorrente na maioria dos filmes. Se a máquina deixa, então, de ser máquina por fugir de sua programação, fazendo o que não se espera dela, como defini-la? E é este questionamento que pode trazer à tona alguma ideia do que é o humano. Citando o autor de ficção científica Philip K. Dick, Dufour diz que “ser humano” é um modo de se estar no mundo: “se uma construção mecânica interrompe o curso de seu funcionamento habitual para vir em nosso auxílio, então imputar-lhe-emos reconhecidos um caráter humano que nenhuma análise dos seus transístores ou circuitos conseguiria desvendar” (DUFOUR, 2011, p. 142). O caráter de humanização das máquinas quase sempre se dá em contraste com a desumanização dos seres humanos, atribuindo às primeiras características próprias da subjetividade humana, a exemplo da emoção e do

afeto, e relegando aos últimos a frieza e a falta de empatia com o outro, independentemente de quem (ou do que) ele seja. Se o humano é humano porque pensa, conforme o parâmetro usado pelo filósofo Descartes para distingui-lo dos demais seres vivos, como lidar com robôs, andróides e computadores cuja capacidade de raciocínio supera a destes homens?

Relações conflituosas permeiam as narrativas que ganham ares distópicos, como em *Lágrimas na Chuva*, da autora espanhola Rosa Montero (2014). Em uma clara referência a *Blade Runner* (1982), o romance apresenta uma narrativa que se passa em 2109, em que replicantes são construídos para assumirem atividades de risco para os seres humanos. Bruna Husky, replicante já aposentada e que atua como detetive particular, é contratada para investigar o caso de loucura coletiva de outros replicantes, que estão surtando e sendo brutalmente assassinados como retaliação.

Em *A longa viagem a um pequeno planeta hostil*, primeiro volume da série *Wayfarers*, da autora estadunidense Becky Chambers, Lovelace, a inteligência artificial senciente da nave Andarilha, assim como outras IAS³, não desfruta dos mesmos direitos de outros seres sapientes perante a lei, o que inclui não poder ter um corpo. Assim como Lovey deseja um corpo para experimentar uma outra vida que não aquela em que ela se tornou a nave, no romance brasileiro *Os dias da peste*, de Fábio Fernandes (2009), as inteligências construídas, como se autodeclararam as máquinas despertas espontaneamente, também querem um corpo, também querem sentir. Os direitos políticos conquistados não lhes são mais suficientes, assim como serem companheiras dos seres humanos. E aqui vale retomar Donna Haraway (2016, p. 42) quando ela afirma que

As máquinas do final do século XX tornaram completamente ambígua a diferença entre o natural e o artificial, entre a mente e o corpo, entre aquilo que se autocria e aquilo que é externamente criado, podendo-se dizer o mesmo de muitas outras distinções que se costumavam aplicar aos organismos e às máquinas. Nossas máquinas são perturbadoramente vivas e nós mesmos assustadoramente inertes.

Mas o que utopias e distopias têm a nos dizer sobre os corpos que (re)produzem, especialmente a partir do viés da relação entre o corpo e a tecnologia, tão intrínseca à atual existência humana? Como foi visto ao longo deste ensaio, várias narrativas se propõem a transpor esta ideia para um campo de experimentação, ainda que ficcional. Os corpos híbridos e os corpos maquínicos ainda parecem ser pensados dentro de uma perspectiva humanista, em que ocupam o lugar de um outro que não encontra o seu lugar enquanto humano, pois não o é – ou não pode vir a sê-lo.

3 Abreviação para “inteligência artificial senciente”.

Seriam estas narrativas premonitórias da manipulação genética, da interferência farmacológica e dos procedimentos estéticos, ou apenas um meio de expor as transformações pelas quais a humanidade vem passando ao longo dos últimos anos? Até onde o ser humano continua a *ser* humano e até onde a sua natureza pode ser alterada a partir das suas mutações? As fronteiras entre o humano e o pós-humano, entrecruzadas pela figura do ciborgue, são constantemente exploradas nas narrativas de ficção, principalmente nas obras de ficção científica. Mas o que o futuro nos reserva? O que ele reservará para essa pós-humanidade que ainda está restrita à ficção?

No ensaio *The future of utopia in the posthuman world*, a pesquisadora Anna Bugajska (2021) comenta que as visões de um futuro utópico, no sentido mais amplo que o termo pode ter, podem ir desde um cenário que abrange a sobrevivência de uma humanidade aprimorada, até um mundo sem humanos – seja composto por híbridos animais-humanos, seja por outros seres pós-humanos. Uma outra possibilidade suscitada por ela é a de ampliação do conceito de pessoa.

Sendo assim, a utopia deixará de existir com o fim da humanidade? Pensar em uma realidade pós-humana é uma tarefa difícil, pois a humanidade não está acostumada a pensar e compreender o olhar e os modos de vida de quem lhe é diferente. Percebe-se o mundo pós-humano mais conectado a outros mundos, relacionando-se em comunidade com o outro que não é humano. Para Bugajska (2021), o mundo pós-humano será um mundo dinâmico, será uma busca eterna por um ideal utópico. Logo, continuará produzindo utopias. No entanto, o conceito de utopia precisará ser expandido, assim como o conceito de humano: “o sonho utópico é, portanto, necessário e deve continuar, mas deve ser repensado à luz da virada especulativa e dos pressupostos não antropocêntricos” (BUGAJSKA, 2021, p. 4, tradução minha).

REFERÊNCIAS

2001: uma odisseia no espaço. Direção Stanley Kubrick. EUA, GB: Metro-Goldwyn-Master, 1968. (142 min.).

BRAIDOTTI, Rosi. **The Posthuman**. Cambridge: Polity Press, 2013.

BUGAJSKA, Anna. The Future of Utopia in the Posthuman World. **Academia Letters**, Article 155. Disponível em: https://www.academia.edu/44986903/The_Future_of_Utopia_in_the_Posthuman_World. Acesso em: 30 nov. 2021.

CAVALCANTI, Ildney. O amor em tempos distópicos: corpos utópicos em *The Stone Gods*, de Jeanette Winterson. In: CAVALCANTI, Ildney; PRADO, Amanda (orgs.). **Mundos gendrados alternativamente: ficção científica, utopia, distopia**. Maceió: EDUFAL, 2011. p. 13-27.

CHAMBERS, Beck. **A longa viagem a um pequeno planeta hostil**. Tradução de Flora Pinheiro Rio de Janeiro: Darkside Books, 2017.

CHAUÍ, Marilena. Notas sobre Utopia. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 60, n. spe1, p. 7-12, jul. 2008. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252008000500003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 nov. 2021.

DUFOUR, Éric. **O cinema de ficção científica**. Tradução de Marcelo Felix. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2012.

ELA. Direção Spike Jonze. EUA: Warner Bros. Pictures, 2013. (126 min.).

FERNANDES, Fábio. **Os Dias da Peste**. São Paulo: Tarja Editorial, 2009.

FURLANETTO, Elton Luiz Aliandro. Utopia, história e violência na obra de Marge Piercy. 2015. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.8.2015.tde-22122015-100450. Acesso em: 30 nov. 2021.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. Tradução de Tomaz Tadeu. In: TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 33-118.

JAMESON, Fredric. **Arqueologias do futuro: O desejo chamado Utopia e outras ficções científicas**. Tradução de Carlos Pissardo. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LE GUIN, Ursula K. **Os despossuídos**. 2. ed. Tradução de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2019.

MATRIX. Direção Lilly Wachowski e Lana Wachowski. EUA: Warner Bros., 1999. (136 min.).

METRÓPOLIS. Direção Fritz Lang. GER: S.I., 1927. (148 min.).

MONTERO, ROSA. **Lágrimas na chuva**. Tradução de Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

O EXTERMINADOR do futuro. Direção James Cameron. EUA, GB: Orion Pictures, 1984. (108 min.).

PENNA, João Camillo. Máquinas utópicas e distópicas. In: NOVAES, Adauto. **Mutações**: ensaios sobre as novas configurações do mundo. Rio de Janeiro: Agir; São Paulo: Edições SESC/SP, 2008. p. 185-215.

ROBOCOP: o policial do futuro. Direção Paul Verhoeven. EUA: Metro-Goldwyn-Mayer, 1987. (102 min.).

SANTAELLA, Lúcia. Pós-humano – por quê?. **REVISTA USP**, São Paulo, n. 74, p. 126-137, agosto 2007a. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13607/15425>. Acesso em: 15 ago. 2020.

SANTAELLA, Lúcia. Figurações do corpo biológico ao virtual. **Interin (UTP)**, v. 1, p. 4-19, 2007b.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

SARGENT, Lyman Tower. **Utopianism**: A very short Introduction. New York: Oxford University Press, 2010.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. O corpo no cinema de ficção científica. **Logos**: Comunicação e Universidade, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 49-59, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14721>. Acesso em: 30 set. 2019.

TADEU, Tomaz. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. In: TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 7-15.

UTOPIAS. *In: The Encyclopedia of Science Fiction*. 2022. Disponível em: <https://sf-encyclopedia.com/entry/utopias>. Acesso em 20 set. 2022.

WOLFE, Cary. **What is posthumanism?** London: University of Minnesota Press, 2010.

Recebido em: 04 ago. de 2022

Aceito em: 11 out. de 2022